

Mudanças climáticas e fake news: experiências da atuação dos cientistas no combate ao negacionismo

Thiago Luis Felipe Brito¹, Dominique Mouette²

E-mail para contato: thiagobrito@usp.br

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo estudar como ocorre a difusão de informações falsas (fake news) sobre mudanças climáticas. Através deste entendimento será possível levantar estratégias e ações de cientistas no combate a desinformação.

Palavras-chaves: diplomacia científica, difusão do conhecimento, meio ambiente

Introdução

Diversos movimentos organizados têm promovido a negação das mudanças climáticas causadas pelas ações humanas. Esses movimentos atacam a reputação e a confiabilidade de pesquisadores com alegações pseudocientíficas ou argumentos já ultrapassados. Neste contexto, reforça-se a importância da participação dos cientistas em desmentir tais movimentos negacionistas e informar a sociedade sobre o método científico e seus resultados.

O negacionismo científico é um movimento no qual indivíduos, muitas vezes apoiados por grupos organizados, se recusam a aceitar os consensos científicos das mais diferentes áreas. Björnberg et al. (2017) avaliaram, através de uma revisão de 161 artigos que um grande número de agentes são os principais responsáveis pela divulgação da negação científica.

Metodologia

Este trabalho desenvolveu uma revisão bibliográfica introdutória sobre os temas negacionismo, mudanças climáticas e difusão de notícias falsas. Com base nos resultados obtidos, será possível traçar estudos mais detalhados para entender a difusão de *fake news* no Brasil e a atuação dos cientistas para contê-la.

Resultados e Discussão

Rosenau (2012) argumenta que o negacionismo envolve questões de identidade e medos pessoais, e que deturpa a forma como a metodologia científica realmente trabalha. A maior parte dos negacionistas entendem o papel exercido por “autoridade” da ciência, citam cientistas que concordam com seus argumentos ou publicações científicas que podem ser classificadas como negacionistas e que corroboram suas opiniões. Por vezes, negacionistas criam seus próprios periódicos e conferências para divulgar tais ideias pseudo-científicas, mas fazendo-as parecer que são contrapontos legítimos ao consenso científico para a população em geral.

Quando levantada a questão aos negacionistas climáticos, as questões científicas são logo deixadas de lado para argumentos sobre liberdade de mercados e direitos de tomar decisões que consideram melhor para si e suas famílias. No entanto, Jylhä (2017) elenca tipos diferentes de negadores climáticos e as razões para cada um deles. Os primeiros são aqueles que negam por desconhecimento ou pela descrença que os seres humanos têm capacidade de interferir no clima. Os segundos são aqueles que rejeitam a ideia como um mecanismo de defesa, uma vez que ela invoca sentimentos incômodos e a necessidade de ações. O terceiro tipo são aqueles motivados por ideologias, e que, portanto, aderem ao negacionismo como forma de pertencerem

1 Escola de Artes, Ciências e Humanidades – Universidade de São Paulo (EACH-USP).

2 Escola de Artes, Ciências e Humanidades – Universidade de São Paulo (EACH-USP).

a um grupo.

Um estudo conduzido por Wullenkord e Reese (2021) na Alemanha apontou que o negacionismo entre os entrevistados é ocasionado por meio de estratégias de autoproteção. Estas estratégias consistem em mecanismos psicológicos que visam proteger os indivíduos de situações traumáticas ou que ameacem sua identidade pessoal ou coletiva. A presença destas foi positivamente relacionada com indivíduos masculinos, com posicionamento político de direita, e negativamente a vários indicadores de pro-ambientalismo.

Estes resultados corroboram os trabalhos de McCright e Dunlap (2011) que concluíram que os homens brancos e conservadores nos EUA são mais predispostos a aderirem e difundirem o negacionismo climático. Os autores oferecem três explicações sócio-políticas sobre o comportamento deste grupo. A primeira (vulnerability thesis) defende a ideia de que estes indivíduos se sentem menos vulneráveis que mulheres e não-brancos devido a sua posição dominante na estrutura social, logo aceitam correr riscos maiores. A segunda explicação (cultural worldview thesis) sustenta que homens brancos que assumem riscos tendem a ter uma visão de mundo mais individualista, serem anti-igualitários e favorecerem hierarquias. Por fim, a terceira explicação (identity-protective cognition thesis) se assemelha à definição anterior de estratégias de auto-proteção.

Similarmente, o trabalho de Jylhä et al (2016) encontrou uma relação positiva entre negacionismo climático e indivíduos do sexo masculino no Brasil. No entanto, não foi identificada correlação significativa entre conservadorismo e negacionismo na mesma amostra. Os autores levantaram a hipótese de que a crise político-econômica na qual o país passava, levou os partidos políticos a reduzirem a relevância da questão ambiental, priorizando mais questões econômicas e sociais. Apesar desta perspectiva explicar a visão dos autores à época da publicação do estudo, ela não se sustenta após 2018 quando a questão ambiental foi levada ao debate ideológico.

Apesar de não haver um estudo recente similar ao de Jylhä et al (2016) para o Brasil, a percepção da relação entre o negacionismo climático e o conservadorismo pode ser facilmente verificada por meio das ações e posicionamento deste grupo (conservadores e de direita). Os movimentos negacionistas no Brasil, essencialmente, importam as narrativas dos grupos conservadores dos EUA. A força destes movimentos aumentou desde a eleição de Jair Bolsonaro em 2018, que adotou o negacionismo climático como política de governo. Diversas ações deste governo corroboram esta posição como, por exemplo, a nomeação de Ricardo Salles para o ministério do meio ambiente, que já declarou que as mudanças climáticas antropogênicas são um assunto controverso. Outra medida foi a demissão de Ricardo Galvão do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) após a divulgação dos dados que indicam um aumento do desmatamento na Amazônia (Miguel, 2020).

Os mecanismos descritos anteriormente podem ser observados nas políticas de governo pós 2018. Em um primeiro momento, elencam-se figuras de autoridade pseudocientíficas que a suportam as decisões e discursos negacionistas. Dentre estas pode-se citar o “The Heartland Institute” e o “Competitive Enterprise Institute”, ambas think-tanks norte-americanas conservadoras que se reuniram com representantes do governo Bolsonaro (Miguel, 2020). Estas instituições, assim como as políticas criadas com base nelas, reproduzem os mecanismos de percepção de risco, visão cultural e autoproteção identitária levantados anteriormente uma vez que priorizam os grupos já dominantes como homens brancos e conservadores que compõe o governo Bolsonaro e sua base.

Considerações Finais

O presente trabalho apresentou uma visão geral sobre os fundamentos do negacionismo climático, como se dá sua difusão e como os cientistas e outros atores da sociedade podem atuar para combatê-las. Como apontado, a difusão do negacionismo e de notícias falsas está fortemente associada a fatores psico-sociais e fundamentada em ideologias conservadoras (machistas, patriarcais e racistas). Portanto, a resposta ao negacionismo exige o enfrentamento de visões dominantes na sociedade.

Observou-se a importância da construção da capacidade de busca por conhecimento e desenvolvimento do senso crítico na educação. Esta abordagem mostrou-se mais eficiente do que a disseminação somente de conteúdo científico nas escolas, uma vez que dá ao aluno ferramentas para questionar e relutar em aceitar alegações negacionistas. Outra possível estratégia é valorização do trabalho dos divulgadores científicos, especialmente dentro da academia. Isto pode ocorrer tanto pelo reconhecimento destes trabalhos nos currí-

culos dos pesquisadores (tal como a produção de artigos científicos), quanto pelo meio do aumento de recursos financeiros, humanos e laboratoriais para projetos voltados à disseminação da ciência. Além disso, projetos que busquem compreender a disseminação do conhecimento científico para a sociedade são essenciais para avaliar a relação entre academia e sociedade e promover as melhores práticas de diálogo intersetorial.

Por fim, espera-se o avanço desta área do conhecimento possa trazer novos aprendizados e métodos para combater o negacionismo. Estudos futuros podem desenvolver métodos para medir a performance dos cientistas na difusão de conhecimento e propor meios para aprimorar a participação e propagação da ciência em políticas públicas e acordos internacionais.

Agradecimentos

Agradecemos o apoio financeiro do Programa de Recursos Humanos da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis – PRH-ANP, suportado com recursos provenientes do investimento de empresas petrolíferas na Cláusula de P,D&I da Resolução ANP nº 50/2015 (PRH 33.1 - Referente ao EDITAL Nº1/2018/PRH-ANP; Convênio FINEP/FUSP/USP Ref. 0443/19). Agradecemos o apoio do RCGI – Research Centre for Gas Innovation, localizado na Universidade de São Paulo (USP) e financiado pela FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (2014/50279-4 e 2020/15230-5) e Shell Brasil, e a importância estratégica do apoio dado pela ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis) através do incentivo regulatório associado ao investimento de recursos oriundos das Cláusulas de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação. Dominique Mouette agradece ao CNPQ pelo apoio e financiamento, processo 315374/2021-7

Referências Bibliográficas

BJÖRNBERG, K. E.; KARLSSON, M.; GILEK, M.; HANSSON, S. O. Climate and environmental science denial: A review of the scientific literature published in 1990–2015. *Journal of Cleaner Production*, v. 167, p. 229–241, 2017.

JYLHÄ, K. M. *Denial versus reality of climate change*. [s.l.] Elsevier Inc., 2017. v. 1–5

JYLHÄ, K. M.; CANTAL, C.; AKRAMI, N.; MILFONT, T. L. Denial of anthropogenic climate change: Social dominance orientation helps explain the conservative male effect in Brazil and Sweden. *Personality and Individual Differences*, v. 98, p. 184–187, 1 ago. 2016.

MCCRIGHT, A. M.; DUNLAP, R. E. Cool dudes: The denial of climate change among conservative white males in the United States. *Global Environmental Change*, v. 21, n. 4, p. 1163–1172, 2011.

MIGUEL, J. C. H. Negacionismo Climático no Brasil. *Revista de divulgação científica*, 2020.

ROSENAU, J. Science denial: A guide for scientists. *Trends in Microbiology*, v. 20, n. 12, p. 567–569, 2012.

WULLENKORD, M. C.; REESE, G. Avoidance, rationalization, and denial: Defensive self-protection in the face of climate change negatively predicts pro-environmental behavior. *Journal of Environmental Psychology*, v. 77, n. April 2020, p. 101683, 2021.